

ELES NÃO PASSARÃO¹⁷⁹ (*Combat*, 23 de agosto de 1944)

Albert Camus

Tradução de Leandson Vasconcelos Sampaio*

O que é uma insurreição? É o povo armado. O que é o povo? É o que em uma nação nunca quer se ajoelhar.

Uma nação vale o que vale seu povo e se nós tivéssemos sido tentados a duvidar de nosso país, a imagem de seus filhos de pé, os punhos eriçados com fuzis, nos encheriam da esmagadora certeza de que essa nação é igual a seus maiores destinos e que ela vai conquistar seu renascimento ao mesmo tempo que suas liberdades.

No quarto dia da insurreição, após o primeiro recuo do inimigo, após um dia de uma falsa trégua cortada por assassinatos de franceses, o povo parisiense vai continuar o combate e erguerá suas barricadas.

O inimigo escondido na cidade não deve escapar. O inimigo em retirada que quer entrar na cidade não deve entrar. Eles não passarão.

Aos poucos franceses que, mutilados em sua memória e sua imaginação, esquecidos da honra e despreocupados com a vergonha, sentados em seu conforto pessoal, poderiam perguntar: "Em que isso é bom?" é preciso, aqui, responder.

Um povo que quer viver não espera que sua liberdade lhe seja trazida. Ele a toma. E com isso, ele ajuda a si mesmo ao mesmo tempo em que ajuda aqueles que querem ajudá-lo. Cada alemão que não sai de Paris é uma bala a menos para os soldados aliados e nossos camaradas franceses do Leste. Nosso futuro, nossa revolução, estão inteiros neste presente, cheios dos gritos de raiva e de fúria da liberdade.

Não fomos nós que escolhemos matar. Mas nós fomos colocados no caso de matar ou nos pormos de joelhos. E não importa o quanto tenhamos tentado duvidar disso, nós sabemos após esses quatro anos de terrível luta que nós não somos de uma raça que nos põem de joelhos.

O que quer que ainda que nos faça duvidar, sabemos também que nós somos

¹⁷⁹ CAMUS, Albert. Ils ne passeront pas. In: CAMUS, Albert. *Œuvres Complètes*. Bibliothèque de la Pléiade. Articles, préfaces, conférences. (1944-1948). Articles publiés dans "Combat" (1944-1947). Éditions Gallimard, Paris: 2006. Págs. 520-521.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: leandson@hotmail.com.

uma nação maior. E uma grande nação toma todos os seus destinos em mãos, tanto no orgulho como na vergonha.

Nós fomos capazes de suportar o peso da nossa derrota, não é ante os fardos da vitória que recuaremos.

Em 21 de agosto de 1944, nas ruas de Paris, começou um combate que para nós todos e para a França terminará pela liberdade ou a morte.

ILS NE PASSERONT PAS

(Combat, 23 août 1944)

Qu'est-ce qu'une insurrection? C'est le peuple en armes. Qu'est-ce que le peuple? C'est ce qui dans une nation ne veut jamais s'agenouiller.

Une nation vaut ce que vaut son peuple et si nous avions jamais eu la tentation de douter de notre pays, l'image de ses fils debout, les poings hérissés de fusils, nous remplirait de la certitude bouleversante que cette nation est égale à ses plus grands destins et qu'elle va conquérir sa renaissance en même temps que ses libertés.

Au quatrième jour de l'insurrection, après le premier recul de l'ennemi, après un jour d'une fausse trêve coupée d'assassinats de Français, le peuple parisien va continuer le combat et dresser ses barricades.

L'ennemi terré dans la ville ne doit pas en sortir. L'ennemi en retraite qui veut entrer dans la ville ne doit pas y pénétrer. Ils ne passeront pas.

Aux quelques rares Français qui, mutilés dans leur mémoire et leur imagination, oublieux de l'honneur et insoucieux de la honte, assis dans leur confort personnel, pourraient demander: "À quoi bon?" il faut, ici, répondre.

Un peuple qui veut vivre n'attend pas qu'on lui apporte sa liberté. Il la prend. Et par là, il s'aide em même temps qu'il aide ceux qui veulent l'aider. Chaque Allemand qui ne sortira pas de Paris, c'est une balle en moins pour les soldats alliés et nous camarades français de l'Est. Notre avenir, notre révolution, sont tout entiers dans ce présent, plein des cris de la colère et des fureurs de la liberté.

Ce n'est pas nous qui avons choisi de tuer. Mais on nous a mis dans le cas de tuer ou de nous mettre à genoux. Et quoiqu'on ait tenté de nous en faire douter, nous

savons après ces quatre ans de terrible lutte que nous ne sommes pas d'une race à nous mettre à genoux.

Quoiqu'on veuille encore nous en faire douter, nous savons aussi que nous sommes une nation majeure. Et une nation majeure prend toutes ses destinées en main, dans l'orgueil comme dans la honte.

Nous avons su porter le poids de notre défaite, ce n'est pas devant les charges de la victoire que nous reculerons.

Le 21 août 1944, dans les rues de Paris, a commencé un combat qui pour nous tous et pour la France se terminera par la liberté ou la mort.